



“Portbou – deutsch?”: um encontro entre Walter Benjamin e Paul Celan
“Port bou – deutsch?”: a meeting between Walter Benjamin and Paul Celan

Jorge Benedito de Freitas Teodoro*

Faculdade Única de Ipatinga | Ipatinga, Brasil
defreitasjorge2@gmail.com

Resumo: O presente artigo procura discutir o poema “Portbou – deutsch?”, de Paul Celan, como a possibilidade de um encontro entre o poeta romeno e do pensador Walter Benjamin para a formulação de uma palavra contrária às forças conservadoras dos discursos hegemônicos. Nesse sentido, nos aproximamos da crítica tecida por Jean Bollack para, finalmente, desconstruí-la em prol de um momento sinalizado por uma crítica radical na qual o conservadorismo histórico-literário seja rechaçado pelas palavras do poeta e do pensador.

Palavras-chaves: Benjamin. Celan. Poesia.

Abstract: This article seeks to discuss the poem “Port bou – deutsch?”, by Paul Celan, as the possibility of a meeting between the Romanian poet and the thinker Walter Benjamin for the formulation of a word contrary to the conservative forces of hegemonic discourses. In this sense, we approach the criticism made by Jean Bollack to, finally, deconstruct it in favor of a moment signaled by a radical criticism in which historical-literary conservatism is rejected by the words of the poet and the thinker.

Keywords: Benjamin. Celan. Poetry.

Quando ouvimos em conjuntos os nomes do pensador Walter Benjamin e do poeta Paul Celan, é inevitável que pensemos em similaridades no que diz respeito aos temas do judaísmo, da guerra, do nazismo, além de outros; similaridades que nos permitem tanto fazermos algumas aproximações, quanto destacarmos diferenças singulares acerca da possibilidade e da impossibilidade de redenção ou de retorno messiânico em ambos os autores. Entretanto, um encontro mais efetivo – ainda que tenha se dado apenas na letra do(s) poema(as) – entre o poeta e o pensador parece se dar no poema “Port Bou – alemão?” (*Portbou – deutsch?*), publicado postumamente em 1968, no sétimo volume das *Obras completas de Paul Celan (Gesammelte Werke)*, para o qual apresentamos a frágil proposta de tradução que se segue:

* Doutor em Letras: Estudos Literários (UFMG); Mestre em Filosofia (UFOP); Licenciado em Filosofia (UFOP).



PORT BOU – ALEMÃO?

Afasta o manto da invisibilidade, o
elmo de aço.
Nibelungos-
de esquerda, nibelungos
de direita:
renanizados, refinados,
uma escória.

Benjamin
os nomeia, para sempre,
ele disse que sim.

Uma tal eternidade, ainda
como Bauhaus B:
não.

Nada muito tarde,
um segredo
aberto.¹

¹ CELAN apud BOLLACK, 2005, p. 155 – tradução nossa. “PORT BOU – DEUTSCH?// Pfeil die Tarnkappe weg, den/ Stahlhelm. // Links-/ nibelungen, Rechts-/ nibelungen:/ gerheint, gereinigt,/ Abraum. // Benjamin,/neint euch, für immer,/ er jagt.// Solcherlei Ewe, auch/ als B-Bauhaus,/ nein. // Kein Zu-spät,/ ein geheimes/ Offen.” Não encontramos tradução em português para esse poema. Nossa tradução tomou como base o original em alemão, a versão de Bollack em francês, presente no artigo “Celan devant Benjamin em soixante-huit” (Lignes, vol. 3, n° 35, p. 79-93, 1998): “PORT BOU – ALLEMAND?// Toi, fais tomber de ta flèche/ la coiffe magique et le/ casque d’acier.// Nibelungen/ de gauche, Nibelungen/ de droite:/ rhénanisés, purifiés,/ une scorie.// Benjamin/ vois unit par un non, à jamais;/ lui, dit oui.// Une telle éternité, aussi/ Comme Bauhaus B:/ non.// Pas de trop-tard./ Une secrète/ ouverture.” (BOLLACK, 1998, p. 81-82), além de duas traduções em espanhol, a primeira disponível em Poesía contra poesia, também de Bollack, traduzido para o espanhol por Yael Langella, Jorge M. Mejía Toro, Arnau Pons, Susana Romano-Sued e Ana Nuño: “PORT BOU - ¿ALEMÁN?// Derriba con la flecha el yelmo mágico, el/ casco de acero.// Nibelungos/ de izquierdas, nibelungos/ de derechas:/ renanizados, refinados/ en descombros.// Benjamin/ os nonea, para siempre, él dice que sí.// Una semejante eternez, también/ como Bauhaus B:/ no.// Ningún demasiado-tarde,/ una secreta/ apertura” (BOLLACK, 2005, p. 155-156). A outra tradução em espanhol



Nesse poema, Port Bou – a localização geográfica da morte de Benjamin – torna-se um Schibboleth, um meridiano, uma constelação ou uma marca na qual se condensam as impossibilidades e as possibilidades da leitura de um tempo anterior no qual, de acordo com Ulisse Dogà², a “quietude geológica do lugar corresponde a fragmentação, a desagregação da linguagem, mas também a sua renovação e seu despertar entre os escombros da história”.

Tanto Dogà quanto Jean Bollack (2005) ressaltam que o poema foi escrito após Celan ler a resenha benjaminiana sobre o livro de Max Kommerell, *O poeta como guia do classicismo alemão*³, intitulada “Contra uma obra-prima” (“*Widerein Meisterwerk*”), de 1930⁴, resenha que Bollack, no artigo “Celan diante de Walter Benjamin em 1968” (“*Celan devant Benjamin em soixante-huit*”), diz se tratar de “um reconhecimento ou uma homenagem”⁵ ao escritor alemão Max Kommerell. Nesse mesmo artigo, o crítico francês lê o poema celaniano como uma crítica ao excesso de germanidade em Benjamin, um judeu perseguido que não respondeu efetivamente à perseguição, mas que visualizou Kommerell como um mestre digno de homenagem.

A leitura feita por Bollack confere ao texto benjaminiano uma posição complacente com o posicionamento extremamente conservador de Kommerell, posto que o crítico coloca Benjamin, efetivamente, na turba dos nibelungos de esquerda que, ao não criticarem a ideologia alemã, acabaram por fortalecê-la. É interessante ressaltarmos que Ricardo Forster (2012), no artigo “A barbárie de língua e o judaísmo como

encontra-se na obra de Dogà (2012), traduzida por Jose Luis Arántegui: “PORT BOU - ¿ALEMÁN? // Lanza el manto del disimulo lejos, el/ yelmo de acero.// Siniestro-/ nibelungos, diestro-/ nibelungos:/ purorrinificado, purgificado,/ de-/ rrubio.// Benjamin/ os nonea, por siempre,/ él asiente.// Uno era así, ni/ como Bauhaus B,/ no.// Nada de Muitardes,/ guarnecida/ franquía.” (DOGÀ, 2012). As diferenças evidentes encontradas nas traduções reforçam a dificuldade do processo tradutório dos poemas de Celan e o afunilamento da linguagem que se contrai diante das tentativas de tocar as raias expressivas do negativo.

² DOGÀ, 2012. “la quietud geológica del lugar corresponde la fragmentación, la disgregación del lenguaje, pero quizá también su renovación y despertar de entre los escombros de la historia.”

³ *Der Dichters Führer in der deutschen Klassik*. Max Kommerell (1902 - 1944), poeta, historiador e literato alemão conservador, foi membro do Círculo de Stephan George, também foi membro do Partido Nazista entre os anos de 1941 e 1944; no qual, entre outras coisas, serviu a *Sturmabteilung* (SA).

⁴ Essa resenha está no terceiro tomo da *Gesammelte Schriften*, no capítulo “*Kritiken und Rezensionen*” (BENJAMIN, 1972, p. 252-259). Não encontramos traduções para ela, portanto, todas as traduções são nossas.

⁵BOLLACK, 1998, p. 80, tradução nossa. “*une reconnaissance ou d’un hommage.*”



memória: Paul Celan” (*“La barbarie de la lengua y el judaísmo como memoria: Paul Celan”*), define os nibelungos de esquerda como:

[...] aqueles que mobilizam recursos de um visceral antissemitismo na hora de justificar sua opção anti-imperialista e revolucionária, ali de onde dizem falar a linguagem dos povos oprimidos e tecer suas alianças discursivas com aqueles que voltam a utilizar palavras aniquiladoras na hora de falar dos judeus, ainda que aparentemente só se refiram ao Estado de Israel.⁶

Ademais, segundo a afirmação de Bollack, “Celan reprovava Benjamin por ter abraçado uma germanidade que, como judeu perseguido, ele deveria ter reconhecido e combatido, em vez de ter se tornado o redentor messiânico de uma repressão fundamental”⁷. Nesse sentido, a crítica de Bollack se opõe à ideia benjaminiana de uma redenção assimiladora de todos os pecados e de todos os seres, uma apocatástase na qual até mesmo os perpetradores do massacre estariam incluídos. Desse modo, Bollack, ao se referir ao ensaio de Benjamin, “Para uma crítica da violência”⁸, evidencia um excesso de positividade na ideia benjaminiana de redenção, ao contrário de um posicionamento crítico efetivo contra a violência que viria a se perpetuar.

Ressalta-se, ainda, que o posicionamento do crítico se aproxima da visão de Jacques Derrida presente no ensaio “Força de Lei”, que questiona a proximidade de Benjamin com alguns pensadores conservadores, tais como Carl Schmitt e Martin Heidegger⁹.

⁶ FOSTER, 2012, p. 257, tradução nossa. “aquellos que movilizan recursos de un visceral antisemitismo a la hora de justificar su opción antiimperialista y revolucionaria, allí donde dicen hablar el lenguaje de los pueblos oprimidos y tecen sus alianzas discursivas con aquellos que vuelven a utilizar palabras aniquiladoras a la hora de hablar de los judíos, aunque aparentemente sólo se refieren al Estado de Israel.”

⁷ BOLLACK, 1998, p. 82, tradução nossa. “Celan reprochait à Benjamin d’avoir épousé une germanité que, juif lui même réprime, il aurait dû reconnaître et combattre, au lieu de se faire le rédempteur messianique d’une répression essentielle.”

⁸ Nesse ensaio, Benjamin fala sobre a necessidade da instauração da violência revolucionária/divina contra uma violência de ordem mítica. Essa violência revolucionária (ou divina) é imediata e a única capaz de romper com o círculo da violência mítica que impõe ao sujeito à submissão aos direitos do Estado.

⁹ Nesse sentido, em proximidade com a proposta de Bollack, o artigo “Violência e história em Walter Benjamin a partir da crítica de Derrida”, acentua que “a escolha de Benjamin por Derrida se dá porque o seu pensamento aproxima pensamentos



Entretanto, o crítico, talvez tendo em vista a defesa de seu principal argumento para a leitura de Celan, a saber, que sua poesia instaura um local de combate contra as poéticas clássicas alemãs¹⁰, parece desconsiderar um aspecto essencial da resenha escrita por Benjamin, aspecto que dialoga diretamente contra a apropriação/mitologização do cânone clássico pela ideologia alemã. Nesse texto, Benjamin afirma, em tom crítico, que a terra de Hölderlin, “cujos videntes veem suas visões de cadáver, não é a dele”¹¹, ou seja, apesar de reconhecer os méritos da obra de Kommerell¹², Benjamin finaliza a resenha com uma colocação que procura desassimilar a imagem de Hölderlin como aquela determinada pelo conservadorismo de Kommerell, a saber, como espírito poético responsável pela introdução da “história da salvação do alemão”¹³.

judeus e não judeus na Alemanha, evidenciando o nazismo como uma espécie de fenômeno monstruoso realizado, em parte, pelos pensamentos mais insuspeitos, aqueles que também se deixaram orientar por uma espécie de crença na redenção, ou ainda na instauração de tempos novíssimos, puros, e isto quer através do pensamento e das ações humanas quer através de um ente de tipo especialíssimo – Deus”. (RANGEL, 2012, p. 181)

¹⁰ Nesse mesmo artigo, Bollack afirma enfaticamente que “a celebração de todos os grandes modelos clássicos da literatura contribuía positivamente para a preparação do desastre” (“*l'acélébration de tous les grands modeles classiques de la littérature contribuait positivement à la préparation Du désastre*”) (Bollack, 1998, p. 82, tradução nossa) e que o entendimento da resenha de Benjamin como uma espécie de homenagem a Kommerell encaixa-se na celebração dos modelos literários alemães.

¹¹ BENJAMIN, 1972, p. 259, tradução nossa. “*die auferstehen, und das Land, dessen Sehern ihre Visionen über Leichen erscheinen, ist nicht das seine*”. Em sentido próximo à crítica de Benjamin, Adorno, em “Parataxis”, afirma que “O culto da política direitista alemã por Hölderlin empregou ao conceito hölderliano do patriótico de maneira tão desfigurada, como se ele vigorasse apenas para os seus ídolos e não para a harmonia feliz entre o universal e o particular.” (ADORNO, 1973, p. 85)

¹² No início da resenha, Benjamin destaca: “Este livro traz um daqueles raros momentos memoráveis para a crítica, já que ninguém pode questioná-lo sobre a qualidade do trabalho, o estilo e sobre a autoridade do autor.” (“*Dies Buch bringt einen jener seltenen, dem Kritiker denkwürdigen Momente, da keiner ihm die Qualität des Werks, die Stilform, die Befugnis des Verfassers abfragt.*”) (BENJAMIN, 1972, p. 252, tradução nossa). Talvez resida aqui um dos pontos de desconfiança de Celan e posteriormente de Bollack sobre a resenha benjaminiana.

¹³ BENJAMIN, 1972, p. 259, tradução nossa. “*Heilsgeschichte des Deutschen*”. Ademais, a seguinte colocação de Safranski (2018, e-book) reforça a visão de Hölderlin como o



O pensador berlinense, na verdade, reconhece os perigos presentes na reconstituição historicista que tenta purificar a Alemanha através do recurso à tradição literária e, diferente do que atesta Bollack e, concomitante ao que salienta Optiz, coloca-se “contra a tentativa de Kommerell de ‘tornar os clássicos os fundadores de uma era heroica alemã’”¹⁴. Assim, não se trata somente de uma simples homenagem ou de um reconhecimento da obra de Kommerell, mas, sobretudo, de um colocar-se contra um modelo historiográfico conservador que se pretende formado por valores eternos e imutáveis advindos do cânone literário alemão.

Nessa proposta conservadora criticada por Benjamin, o heroísmo se valeria como um dos valores essenciais da estrutura espiritual alemã, heroísmo que se ressaltaria, principalmente, pelo exemplo da grandeza via guerra – como já demonstrado em Jünger e na Literatura Sangue e Solo – e pela filiação à tradição grega como “doutrina do verdadeiro germanismo” e “caminho insondável da ascensão alemã”¹⁵. Essa é a perspectiva histórico/literária proposta por Kommerell, na qual “O alemão é o herdeiro da missão grega; a missão da Grécia, o nascimento do herói”¹⁶. Contrários, portanto, à leitura de Bollack, qual seja, a de que Benjamin não conseguiu visualizar o cânone alemão como participante do horror que acometeu inclusive o campo literário, entendemos, por nossa vez, que o pensador berlinense, em uma postura similar à adotada no ensaio “Teorias do fascismo alemão”, coloca em questão o procedimento histórico adotado por Kommerell que visa delimitar o cânone e, conseqüentemente, o povo alemão como tributários de uma origem grega imutável. Esse entendimento se dá, sobretudo, se pensarmos a noção benjaminiana de origem (*Ursprung*), apresentada do seguinte modo:

[...] a origem (*Ursprung*) não tem nada em comum com a gênese (*Entstehung*). “Origem” não designa o processo de devir de algo que nasceu, mas antes aquilo que emerge do processo do devir e desaparecer. A origem insere-se no fluxo do devir como um redemoinho que arrasta no seu movimento o material produzido no processo de gênese.¹⁷

poeta da Alemanha: “Max Kommerell colocou Hölderlin entre “os poetas como líderes”; em Hölderlin tinha-se contato com uma “corrente de força alemã”

¹⁴ OPTIZ, 2011, p. 318, tradução nossa. “daß gegen Kommerells Versuch, »die Klassiker zu Stif- tern eines heroischen Zeitalters der Deutschen zu ma- chen«”.

¹⁵ BENJAMIN, 1972, p. 254, tradução nossa. “Eine Lehre vom wahren Deutschtum” (...) “unerforschlichen Bahnen des deutschen Aufstiegs”.

¹⁶ BENJAMIN, 1972, p. 254, tradução nossa. “Der Deutsche ist der Erbe der griechischen Sendung; die Sendung Griechenlands die Geburt des Heros”.

¹⁷ BENJAMIN, 2011, p. 34.



Assim, é possível lermos a noção de origem de Benjamin – na qual a linha temporal (ou o processo de devir) se vê rompida pela intensidade do momento anterior que retorna, impedindo a efetivação de qualquer cronologia genealogicamente determinada – em oposição à ideia de uma cronologia imutável da história alemã cuja origem ou gênese seria, indiscutivelmente, tributada aos gregos, conforme destaca Kommerell¹⁸. Desse modo, afastando-nos de Bollack, podemos reler a primeira estrofe do poema (“Afasta o manto da invisibilidade, o/ elmo de aço”) como uma remissão celaniana à exigência presente na resenha “Contra uma obra-prima”, em que Benjamin fala da necessidade de demonstrar que, por detrás desse desejo secreto de fundação de uma ancestralidade alemã como um valor imutável¹⁹, reside a intencionalidade de fazer a ancestralidade valer a qualquer custo, mesmo que, como visto na coletânea de Jünger, a guerra seja o mecanismo próprio para o alcance e efetivação desses valores.

Optiz (2011) destaca que o procedimento da utilização da terminologia militar era algo conscientemente utilizado pelos conservadores alemães para legitimar uma batalha no espaço espiritual, e que Benjamin, na letra da resenha, oferece uma crítica contundente aos literários alemães que não foram capazes de oferecer resistência a essa militarização do espiritual. Assim, não nos parece coeso incluir Benjamin na turba de nibelungos (de esquerda e de direita) que não responderam ao acontecimento e que, diretamente ou indiretamente, contribuíram para o acontecimento de barbárie; pelo contrário, apesar de não participar da ideia de uma redenção messiânica da história, Celan, ao afirmar que “Benjamin os nomeia”, parece assentir ao modelo da crítica historiográfica benjaminiana, que interrompe o *continuum* da história demonstrando a necessidade de nomear aqueles que subjazem nos escombros do caminho linear do historicismo pautado na ideologia do progresso.

¹⁸ Podemos, inclusive, opor a noção benjaminiana de origem – como salto, interrupção ou possibilidade – à leitura cronológica realizada por Bollack, que entende a literatura alemã como o processo ininterrupto de desenvolvimento que recairia na linguagem nazista.

¹⁹ O artigo de Peter Hoffmann (2011), “O círculo de Georg e o Nacional Socialismo” (“*The Georg Circle and National Socialism*”), revela a existência da “ideia de uma Alemanha secreta vindoura, que ainda estava escondida sobre alguma corrente no início do século XIX. A Alemanha, então, carece de unidade política e, conseqüentemente, poetas e filósofos identificaram a grandeza e a missão da Alemanha em seus feitos intelectuais e culturais.” (“*The idea of a future Secret Germany, which was still hidden some currency in the early nineteenth century. Germany then lacked political unity, and poets and philosophers, accordingly, identified Germany’s greatness and mission in her intellectual and cultural accomplishments.*”) (HOFFMANN, 2011, p. 292, tradução nossa).



Afirmar que o pensador berlinense os nomeia, diferentemente do que propõe Bollack, não significa dizer que ele trata com veneração a tradição literária e teórica alemã, mas que proporciona uma crítica radical capaz de se colocar à altura das vozes dos oprimidos do lado de fora do discurso histórico dominante. A crítica radical benjaminiana, que possibilita a altercação dos discursos históricos, é uma crítica que se afirma por si mesmo e, tal como a poética celaniana, dá a ver aquilo que subjaz à crítica passiva ou a poesia positiva que só afirmam os ditames do discurso dominante. Nesse sentido, cabe ressaltar que o próprio pensador afirma, na resenha sobre Kommerell, que a crítica realizada pelo autor de “O poeta como guia e chefe” não realiza minimamente a radicalidade crítica, pelo contrário, ela conserva a ideia da crítica como uma apologia daquilo que deveria criticar. Diante disso, salienta Benjamin que “a crítica [radical], para realizar algo, deve necessariamente se afirmar. (...) O autor [Kommerell] está muito longe disso.”²⁰

Podemos, inclusive, ressaltar o parentesco dessa crítica radical benjaminiana com a intenção de elaboração do periódico “*Angelus Novus*” que, de modo geral, parece destacar a necessidade de consolidação de um posicionamento crítico contrário ao conservadorismo reinante no academicismo literário alemão, ao passo que, o pensador apresenta-se ciente dos perigos de violência que “a virada de século” trouxe “à literatura alemã”²¹, sobretudo, no que diz respeito a um arrefecimento do conservadorismo e mecanização do literário em face das novas (modernas) expressões do dizer. Dogà reforça que – tanto para Benjamin quanto para Celan – só resiste uma única possibilidade: fazer com que “o emudecido universo dos mortos possa falar novamente”²², seja pela afirmação da radicalidade de uma crítica que explode o objeto para recolher seus fragmentos, reorganizando-os em constelações de possibilidade, seja pela negatividade de uma poesia capaz de abalar a estrutura do próprio idioma no qual ela se expressa.

A negação pontual, presente no final da terceira estrofe de “Portbou – alemão?” (“Uma tal eternidade, ainda/ como Bauhaus B:/ não.”), indica a ruptura com a ideia de uma eternidade demarcada pela época espiritual de gênios e heróis. Nesse sentido, trazendo ao poema a crítica histórica benjaminiana que dá a ver os detritos que restam da afirmação de nomes, obras e autores grandiosos, Celan diz não à eternidade que entroniza a Alemanha como um séquito de seguidores de heróis destinados a grandes feitos. Em consonância com o *não* celaniano que nega a filiação a essa estranha eternidade do espírito alemão conservador, o próprio Benjamin

²⁰ BENJAMIN, 1972, p. 259, tradução nossa. “Das die Kritik, um etwas zu leisten, sich selber unbedingt bejahen muss. (...) Davon ist der Verfasser sehr weit entfernt.”

²¹ BENJAMIN, 2012, p. 43.

²² DOGÀ, 2012, tradução nossa. “el emudecido universo de los muertos tiene que poder volver a hablar”.



desmascara o histórico sectário traçado por Kommerell ao dizer que nesse percurso não há nenhuma imagem de um idioma florido, pelo contrário, pode-se ouvir “o barulho das runas de aço, o perigoso anacronismo da linguagem sectária”²³. Nota-se, assim, na resenha benjaminiana, um posicionamento crítico perante à transformação da linguagem e da história em instrumentos de um conservadorismo que recaíra no elogio à guerra como modelo idôneo de grandeza, conforme atestado por Ernest Jünger e, conseqüentemente, pela visão do poeta como líder, poderíamos dizer, líder militar da nação, como proposto por Kommerell. Ademais, esse não se coloca, também, como uma negação da história como continuidade que, ao fim e ao cabo, nega-se à leitura de suas interrupções e de seus impedimentos. Assim, retornando efetivamente ao poema, ao estender o *não* a Bauhaus, Celan coloca-se contra a retomada dos ideários da escola de arquitetura proporcionados pela Alemanha no pós-guerra²⁴. Segundo Dogà, trata-se de:

Um “não” que adiante é a negação de uma falsa construção histórica e [sic], embora fosse neodemocrático, propagandístico em qualquer caso; uma que pretende ignorar interrupções e descontinuidades da história e força um movimento de artistas a se encaixar em uma mitologia conveniente que cumpre uma função política no aparelho dos novos poderes.²⁵

Desse modo, o *não* celaniano se vê próximo da crítica historiográfica benjaminiana ao questionar a veracidade da história que automatiza o movimento arquitetônico da escola de Bauhaus no direcionamento de um programa governamental que, ao fim e ao cabo, torna-se o discurso dominante, que acredita na retomada do progresso como égide histórica, e que não permite a leitura de outros discursos.

Celan parece direcionar seu *não* (sua crítica em forma de poesia) à consolidação de um discurso histórico progressista que retira o potencial subversivo da arte e o

²³ BENJAMIN, 1972, p.255 – tradução nossa. “das Scheppern stählerner Runen, der gefährliche Anachronismus der Sektensprache”

²⁴ Nesse sentido, como crítica a retomada de Bauhaus como política de governo, Bollack concorda e ressalta que Celan possuía a intenção de desvelar “a cegueira da crítica” (“*l’aveuglement de la critique*”) (BOLLACK, 1998, p. 90 – tradução nossa) em não enxergar a mitificação na reconsideração de Bauhaus como elemento determinante da Alemanha na década de 1960.

²⁵ DOGÀ, 2012, tradução nossa. “Un «no» que en adelante es negación de una construcción histórica falsa y, aunque fuera neodemocrática, propagandística en todo caso; una que pretende ignorar interrupciones y discontinuidades de la historia y fuerza a un movimiento de artistas a amoldarse en una mitología conveniente que cumpla una función política en el aparato de los nuevos poderes.”



reconfigura em uma estrutura mitológica moderna que serve de fermento para sua própria legitimação, uma da qual não se pode criticar, quicá escapar. Parece-nos que, em tons benjaminianos, o poeta, com a potência da negação, exige a explosão do historicismo dominante e a interrupção das casualidades que preenchem progressivamente a ideia de um tempo vazio homogêneo, para que se possa, em um relampejar, iluminar aquilo que realmente se coloca como material potencialmente carregado de passado para a reconfiguração do presente.

A última estrofe de “Portbou – alemão?” (“Nada muito tarde,/ um segredo/ aberto”), com auxílio de Dogà, pode ser entendida como uma espécie de distanciamento no modo como Benjamin e Celan se relacionam com a memória individual. Em Benjamin, a marca da memória pessoal ainda não está perdida (não é muito tarde para recuperá-la), já que ela se faz em um espaço preenchido pelo frescor da infância vivida em Berlim, que abre para ele a possibilidade de transpor esse frescor (esse segredo infantil) a uma espécie de reviravolta histórica na qual estão em potência constelacional os fragmentos da memória para transposição/reordenação do social.

Assim, o olhar do pensador para a infância torna-se dotado de melancolia e esperança redentora. Já em Celan, o frescor do infantil é substituído pelo hálito amargo da barbárie que se escancara nos restos da memória, numa impossibilidade de recuperação do infantil, tendo em vista que nenhum dos lugares da infância celaniana – nem ao menos Czernowitz do jovem Celan – são suficientemente fortes para fazerem frente ao imperativo ético de uma rememoração que se coloca ao poeta: fazer ouvidas as vozes dos mortos.

Como falamos anteriormente, “Portbou – alemão?” traça e demarca um local meridiano, fronteiro, em que Benjamin e Celan se encontram não como inimigos, conforme proposto por Bollack, mas, pelo contrário, numa convergência sobre a necessidade de exporem, poética e criticamente, o germen da elevação de um conservadorismo que dominou tanto a literatura quanto a política alemã com ilusões de grandeza. Paradoxalmente, esse germen levou a nação à ruína. É justamente nesse local meridional que a questão colocada no título do poema, “alemão?”, parece sugerir – contrariamente ao sentido proposto por Bollack, qual seja, a crítica de Celan ao excesso de germanismo benjaminiano – o movimento de revelação de um segredo preconizado pelo poema que desconstrói essa mesma condição. Segredo que afasta o manto da invisibilidade responsável pelo acobertamento da situação vivida por Benjamin, a saber, um *pensador judeu* desprovido de seu próprio local de nascença. Assim, a dúvida que ecoa pelo poema se faz mais audível: ele fala de um pensador genuinamente alemão e adepto ao conservadorismo proposto por Kommerell ou de um alemão perseguido e fugido por sua herança judaica?

Vemos com mais plausibilidade a segunda opção, um alemão fugido, ainda tocado pelas experiências de memória infantil, mas que, ao fim e ao cabo, expõe o segredo



de sua existência judaica como marca de uma condição histórica individual e coletiva. Portanto, o que Benjamin afirma ao dizer *que sim* é principalmente o segredo da sua judeidade como categoria essencial para a reformulação/redenção da história e que Celan, em seu percurso poético tomado pela negatividade, não foi capaz de alcançar, pois, oposto a Benjamin, não subsiste para o poeta a possibilidade de redenção (messiânica e revolucionária) para aquilo que foi arrasado corporal e transcendentemente pela barbárie, isto é, não há nenhum horizonte de esperança para o cadáver. Finalmente, procuramos ler “Portbou – alemão?”, para além da crítica bollackiana, como um espaço no qual a exigência de uma crítica historiográfica radical – ou uma leitura a contrapelos da história oficial – adentra a letra do poema, fundando um meridiano no qual a urgência de uma contra-palavra, contra-histórica e contra-poética, coloca em diálogo Celan e Benjamin.

Referências

- ADORNO, Theodor W. Parataxis. In: *Notas de literatura*. v.3. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften III*. TIEDMANN-BARTELS, H. (Ed.) Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1972.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Trágico Alemão*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *O Anjo da História*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- BOLLACK, Jean. Celan devant Benjamin em soixante-huit. In: *Revue Lignes*, vol. 3, n°35, p. 79-93, 1998. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-lignes0-1998-3-page-79.htm>. Acesso em: 18 fev. 2018.
- BOLLACK, Jean. *Poesía contra poesía. Celan y la literatura*. Tradução de Yael Langella, Jorge M. Mejía Toro, Arnau Pons, Susana Romano-Sued y Ana Nunõ. Madrid: Editorial Trotta, 2005.
- CELAN, Paul. *Obras completas*. Trad. José Luis Reina Palazón. Madrid: Editorial Trotta, 1999.
- DOGÀ, Ulisse. E-book. *Port Bou – ¿Alemán? Paul Celan lee a Walter Benjamin*. Trad. Jose Luis Arántegui. Madrid, 2012. E-book.
- FORSTER, Ricardo. La barbarie de la lengua y el judaísmo como memoria: Paul Celan. In: NASCIMENTO, Lyslei; JEHA, Julio (Orgs). *Estudos judaicos: Shoá, o mal e o crime*. São Paulo: Humanitas, 2012.



HOFFMANN, Peter. The George Circle and National Socialism. In: LANE, Melissa S.; RUEHL, Martin A. *A poet's reich: politics and culture in the George circle*. Rochester, NY: Camden House, 2011.

OPTIZ, Michael. Literaturkritik. In: LINDNER, B (Edt.). *Benjamin-Handbuch*. Stuttgart: Metzler Verlag, 2011.

RANGEL, Marcelo M. Violência e história em Walter Benjamin a partir da crítica de Derrida. In: *Revista Ítaca*, n.19, p. 174-185. Rio de Janeiro: jan. de 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/177>> Acessado em: 14/02/2018.

Enviado em: 07/03/2024

Aprovado em: 25/03/2024